

MILTON SANTOS

MILTON SANTOS
é professor emérito de Geografia Humana da FFLCH-USP, tendo recebido, em 1994, o Prêmio Internacional de Geografia Vautrin Lud. É autor, entre outros, de *A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção* (Hucitec)

O INTELLECTUAL

Este fim de século é conhecido também como a era do conhecimento, pela importância que tem a utilização do saber em todos os aspectos da atividade humana. É, curiosamente, também, um momento em que, ao mesmo tempo, escasseiam os verdadeiros intelectuais e a época em que uma vida intelectual genuína se torna mais difícil. Aumenta exponencialmente a demanda de conhecimentos específicos dirigidos a ações pontuais e utilitárias, enquanto a demanda de reflexão fica em baixa, substituída por um manancial de respostas ideológicas que a grande mídia se incumba de difundir e fazer acreditar. Em outras palavras, impõe-se a precedência do saber técnico sobre o saber filosófico e a figura do sábio é frequentemente substituída pela do *expert*.

Há, sem dúvida uma relação de causa e efeito com a fenomenologia da globalização. O período atual, ao menos para os atores hegemônicos, caracteriza-se pelo fato de que as respectivas ações são praticamente todas precedidas de idéias, cuja gestação incumbe aos homens de ciência, nas universidades e nos laboratórios. São idéias de novos produtos,

IND

SIDADE

novas relações, novas formas de comunicação, necessárias à construção dos novos objetos, mas também, mediante a informação, de novas formas de convicção, de modo que as novas coisas e as novas relações sejam legitimadas e aceitas, mesmo que careçam de sentido. Assim, enquanto se diz que o fim do século aboliu as ideologias, a realidade é que nunca foram produzidas em tão larga escala, porque sem elas as novidades não seriam consumidas e o sistema hegemônico atual ficaria sem sustentação.

Quando se diz que alcançamos o fim das utopias é exatamente para que se renuncie a buscar outros caminhos. Em suma, a globalização, na sua forma perversa atual, não pode sobreviver senão pela produção concomitante de novidades e da respectiva ideologia, com a qual são aceitas e difundidas.

EA UNIVER

EPENDENTE

Vivemos, atualmente, todos nós, imersos nesse oceano de objetos e notícias construídos para justificar o período, graças à indispensabilidade do seu uso como instrumentos e normas. Torna-se, desse modo, difícil fazer a sua crítica, vislumbrar outras combinações e sugerir novos caminhos, a partir do mesmo conjunto de instrumentos postos à nossa frente. Daí, a enorme dificuldade, hoje, de ser um intelectual independente.

Para melhor entender esta situação, não esqueçamos de que é grande a dívida da globalização em relação aos sistemas técnicos contemporâneos. Trata-se de uma família de técnicas, cuja geração depende do progresso científico, mas cuja demanda acaba por subordiná-la aos agentes hegemônicos da economia. É o mercado que sugere os avanços técnicos necessários ao seu próprio exercício, cada vez mais competitivo, e, dessa forma, a própria marcha do progresso técnico confunde-se com a velocidade do mercado, arrastando a ciência nesta sua vocação tão bem delimitada. Surge, assim, a tecnociência, que acaba por ser muito mais tecnomercado do que mesmo ciência. O desiderato da ciência sempre foi a conquista da verdade, uma busca absoluta e sem concessões.

Quando, porém, é ao mercado que se atribui a prerrogativa de guiar as escolhas no trabalho científico, o que se obtém é apenas uma verdade parcial e, desse modo, o trabalho intelectual correspondente – na academia ou fora dela – amesquinha os resultados e sufoca a vocação do cientista, tornando-o um trabalhador medíocre com uma tarefa preestabelecida, mesmo que se trate da chamada ciência pura. Por mais que procure, nesse caminho balizado *a priori*, dificilmente poder-se-á dizer que, nessas condições, ser cientista é praticar o verdadeiro trabalho intelectual, mesmo que se obtenha o prêmio Nobel. Diante dessa realidade e das solicitações atrativas que em seu nome são feitas à universidade, esta, nesta fase de globalização, acaba ameaçada de fora e de dentro quanto à manutenção de suas características essenciais, isto é, a busca desengana da verdade e do novo,

acima dos interesses menores. Desse jeito, ser um cientista pode se tornar o mais fácil caminho para não ser um intelectual.

Cada vez mais sensível às sugestões do mercado, em nome dos imperativos técnicos, a universidade deixa-se progressivamente embalar pela idéia de um produtivismo deformador de seus objetivos e que conduz ao reducionismo na própria pesquisa, desse modo, tornada limitada. Não é de espantar que essa trilha seja seguida por novos critérios de aferimento do valor de pesquisadores e docentes, já que as próprias publicações, via de regra, são subordinadas a critérios igualmente produtivistas e reducionistas. A globalização das técnicas tem efeitos perversos sobre a produção intelectual, convocando os melhores talentos a se consagrarem às práticas hegemônicas, levando a avaliação do saber, em países periféricos como o nosso, a ser empreendida segundo critérios utilitaristas, que tanto desprezam a noção de um destino próprio para nossa sociedade quanto admitem, sem discussão, uma idéia de mundo conforme aos interesses dos grandes atores hegemônicos da economia e da política. Por esta última razão, as idéias universalistas são condenadas a perder terreno face ao internacionalismo redutor. Considera-se, desde logo, como bom o que vem dos países chamados avançados e, como consequência, admite-se a necessidade de imitá-los. Então, as universidades nacionais acabam por perder a parcela mais importante de sua razão de ser, quando passivamente aceitam a função, sem nenhuma glória, de estações repetidoras do que é feito nas universidades consideradas como modelo. Não acabar sufocadas pelos próprios mecanismos de avaliação que estabeleceram para ampliar o seu internacionalismo e a sua entrega, em vez de encorajarem as preocupações universalistas com a sociedade nacional.

Quando esse modelo é adotado, as universidades acabam por ferir gravemente toda a vocação de uma atividade intelectual genuína, ao colocar no ostracismo ou, mesmo, banir do seu seio a figura do inte-

lectual, enquanto oferece prestígio aos fazedores de coisas práticas, frequentemente repetitivas.

Nas condições da globalização atual, a tarefa de reconstrução de uma verdadeira vida universitária é urgente. Sem dúvida ela vai depender das solicitações da sociedade. Apenas como as vozes que atualmente soam mais alto são as do mercado, cujo discurso é repercutido pela mídia, a confusão que frequentemente se faz entre “sociedade” e “mercado” ganha ainda mais força nos discursos, cada vez mais críticos e freqüentes, sobre a necessidade e a urgência de um bom relacionamento entre universidade e sociedade. Quando a crítica externa torna-se, assim, interesseira, é indispensável o papel da crítica interna. Mas esta tende a tornar-se difícil, graças, justamente, ao namoro da universidade com o mercado, encorajado pela perspectiva de vantagens adicionais. A crítica interna corre o risco de tornar-se rara, porque escas-

seia o número de protagonistas dispostos a desafiar o *establishment*. O risco é grande, para esses verdadeiros intelectuais – que podem, aliás, ser encontrados em qualquer disciplina das ciências duras ou moles –, de se acharem exilados dentro de sua própria instituição. Já agora, é freqüente ouvir dizer daqueles que pensam livremente – e livremente falam e escrevem – que são pessoas corajosas, elogio paradoxal que seria irônico se não fosse trágico.

Cabe à universidade, urgentemente, rever o seu caminho atual. O encorajamento à multiplicação do número de intelectuais independentes e a preservação da possibilidade de que exerçam tal magistério, fora de quaisquer regulamentações meio-crizantes, é uma urgente tarefa de salvação, indispensável para assegurar o futuro independente da universidade, permitindo-lhe participar de forma adequada e altaneira da insubstituível tarefa de reconstrução do país e do mundo.